

SUICIDAS HISTÓRICOS

NAPOLEÃO L. TEIXEIRA

1 — Por que os líderes se matam?

A resposta não é fácil. Será seu suicídio prova de coragem, ou mostra de covardia? Divergem as opiniões — e discute-se, discute-se...

Perguntaram a Catão, da Útica, durante a guerra civil entre César e Pompeu, qual era o seu partido. Respondeu: «Se vencer Pompeu, exilo-me de Roma; vencendo César, exilo-me da vida». Tendo César vencido, matou-se: «Oo homem de coragem sabe viver, sabe afrontar as vicissitudes e também sabe morrer!». A seu ver, a autoquíria seria, pois, demonstração de valor.

Pensando de maneira diversa, Pitágoras proíbe-se sair da estância e guarnição desta vida, que é o corpo, sem licença e mandado de nosso capitão, que é Deus; a informação é de Cícero (Diálogos — «Cato Major, De Senectute»): *Vetatque Pythagoras injussu imperatoris, id est Dei, de praesidio et statione vitae decedere*. Fugir à vida seria deserção, covardia portanto.

Para Camilo Castelo Branco — futuro suicida — «invetivar de covarde ao suicida, é escarrar na face de um morto: não se pode ser mais cruel, nem mais infame!» a opinião de André Malraux, saber se a autoquíria é, ou não, um ato de valor, é problema que só debatem os que não se mataram. «Quem poderá perscrutar os últimos pensamentos daquele que sabe que, daí a pouco, vai morrer?» — interrogava Stephan Zweig, em cujo espírito já medrava a planta venenosa do suicídio.

Nem coragem, nem covardia. Quem se mata não é valente nem, muito menos, «desertor da existência». Anormal apenas; nos momento em que se auto-elimina, pelo menos. Somos de opinião que todo aquêle que se suicida ou intenta sèriamente fazê-lo, é sempre anormal psíquico. Anormal, ou temporariamente anormalizado. Indivíduo normal da mente jamais se mata, nem tenta fazê-lo. Fácil compreender isso se raciocinarmos que, destruindo a própria vida, anula, ao matar-se, o instinto de conservação. Este instinto que, sendo *la fuerza más grande de la vida*, segundo Licurzi, «palpita no fundo de tudo que respira e persiste além dos próprios limites da esperança», como queria Maurice de Fleury.

Sem nos querermos aprofundar no tema — por nós estudado, em detalhes, em nosso livro «O SUICÍDIO» (Editora da Revista Forense-Rio) — recordemos isto: **todo autocida é anormal psíquico**. Recente ou antiga, epi-

sódica ou duradoira, permanente ou transitória, mas anormalidade ao cabo de tudo. Pessoa em que claudicam os mecanismos do equilíbrio crítico-volitivo e na qual se observam transtornos da razão e do sentimento. Ao realizar a imprópriamente denominada «morte voluntária», achava-se sua vontade sob a ação de influências coativas diversas, alheias à normalidade, que lhe impediam sopesar motivos e contramotivos.

Mas, repetindo a pergunta, por que se matam os chefes e condutores de povos? Algumas vezes, por desespero; outras, por um «motivo heróico»; outras, por uma razão ética; outras, finalmente, por vingança: é o **suicídio-vingança** chamado, de que volveremos a tratar, mais além.

2 — Na História

A História ensina ter sido elevado e número de suicídios entre os que tiveram sob seu comando povos e nações. Está claro que não nos deteremos numa fastidiosa enumeração dos mesmos.

Entremos no tema. Vindo dos tempos mais distantes, lembremos a Jocasta, rainha de Tebas que, desesperada ao ter a revelação de que é mãe de Édipo, com quem se casara, enforca-se. O rei Saúl, de Israel, derrotado no monte Geboé, gravemente ferido, não querendo cair vivo às mãos dos filisteus, precipita-se sobre a própria espada e morre. Anibal, general cartaginês, vencido, suicida-se com o veneno oculto num anel. Mataram-se: Codrus, rei de Athenas, quando os inimigos invadiram o Peloponeso; Bódica, rainha dos Issenianos, depois de vencida por Suetônio; Oton, imperador romano, derrotado pelas legiões de Vitélio; Montezuma, derrotado por Cortez; Maxêncio, vencido por Constantino; Teodoro, imperador abissínio, derrotado pelos ingleses; vencido por Otaviano, Antonio mata-se atirando-se contra a própria espada, e Cleopatra, frustrada em sua tentativa derradeira de conquistar o vencedor, suicida-se, fazendo-se picar, no seio, por uma áspide; o general Villeneuve, derrotado por Nelson, em Trafalgar, vára o coração com uma agulha. O príncipe Condé enforcou-se em seu castelo de Saint-Leu, em 1830. Sua morte suscitou grande celeuma por haver sido o enforcamento por suspensão incompleta, até então tido por incompatível com o suicídio, cabendo a Gendrin demonstrar, brilhantemente, ser isso possível. Mataram-se, no decurso das guerras mundial I e II, muitos chefes militares, por não suportarem a vergonha da derrota e, entre os japoneses, foram estes casos mais frequentes na última conflagração.

Teremos, necessariamente, de restringir a matéria. Resumamos. Interessante a figura do rei Ludwig I, da Baviera. Construiu castelos enormes e bizarros, ergueu réplicas do Vesúvio e do Himalaia; gostava de passear de trenó, em pleno verão, sobre o solo coberto de sal, para dar a impressão de inverno; representou Lohengrin, num grande lago artificial, usando barcos gigantescos, em forma de cisne; numa dessas representações, deixou-se afogar. Maximiliano Robespierre, não querendo sobreviver à

queda termidoriana, tentou matar-se com um tiro, não morreu e acabou na guilhotina; Bonaparte tentou eliminar-se, por duas vezes: a primeira, depois da vitória de Toulon, quando o afastaram do exército por intrigas; a segunda vez, em Fontainebleau, ao ver-se derrotado, sem corôa, sem exército, quase sem amigos; ingeriu veneno que trazia consigo, desde a retirada da Rússia, mas o tóxico não agiu.

A famosa tragédia de Mayerling, ocorrida na Áustria, em 1889, mostra-nos como pode o amor levar um príncipe, herdeiro de um grande império, a trocar um trono pela morte. O arquiduque Rodolfo, único filho homem do imperador Francisco José, infeliz no casamento, tinha menos de trinta e um anos quando se apaixonou, perdidamente, pela encantadora baronesa Maria de Vétzera, de 16 anos, também casada. Sofreram a mais tenaz das oposições. Marcaram um derradeiro encontro no pavilhão de caça de Mayerling. Foram mais tarde encontrados, feridos à bala, mortos ou agonizantes. Tivemos oportunidade de analisar o caso, ao tratarmos dos crimes passionais e pseudo-passionais, em nosso livro «PSICOLOGIA FORENSE E PSIQUIATRIA MÉDICO-LEGAL» (Editora da Revista Forense — Rio).

Na História pátria, podem-se recordar, entre outros: o de Zumbi, valente chefe negro dos quilômbolas dos Palmares, que, derrotado, se suicida, atirando-se de um penhasco. O de Caturité, chefe dos ferozes Cariris, que buscou igual morte, ao ser vencido pelos bandeirantes.

É de nossos dias o que aconteceu a Hitler, ao convencer-se de que tudo estava perdido. Na tarde de 30 de abril de 1945, no abrigo da Chancelaria, despede-se dos companheiros que inda restam; matam-se êle e Eva Braun: ela, por meio de veneno; êle, dando um tiro na boca. Matam-se, na mesma ocasião, Himmler e Goebbels (êste, depois de sacrificar a esposa e os filhos), ambos pelo veneno; suicidam-se, mais tarde, no cárcere, Goering e o dr. Ley, envenenando-se o primeiro, enforcando-se, o segundo.

Muito discutido o suicídio do líder tcheco Jan Masaryk; não falta quem diga que o... «suicidaram», atirando-o de uma janela do Palácio Czernin, em Praga.

Morte igual, por defenestração, a de James Ferrestal, secretário de estado norte-americano: num momento de profunda depressão, atira-se do 16.º andar do hospital em que se encontrava em tratamento. Antes de morrer, copia, numa tradução de Sófocles, o trecho em que Ajax, no limiar da eternidade, recorda a mãe desconsolada e triste, velha e cansada, que, no final do dia, ouve a história, murmurada no ar, do filho que passou: «Worn by the waste of time, comfortless, nameless, hopeless save in the dark prospect the yawning grave...»

Suicidaram-se: Alem, «abalado na sua fé e nos destinos da pátria»; Baltazar Brun, ex-presidente uruguaio, por motivos políticos; Salengro, ministro do gabinete francês da Frente Popular, em virtude de violenta campanha que lhe moveu o jornal *Le Gringoire*.

Curioso, de todos os pontos de vista, o autocídio, há anos, de Manuel Fernandez Supervielle, prefeito de Havana: impossibilitado de cumprir suas promessas de candidato e de resolver, entre outros, o problema da escassez de água naquela capital, — matou-se. Interessante se a moda pega! Ficariam países — o nosso, à frente — com séria carência de políticos...

3 — O suicídio-vingança entre os líderes

Recordemos, primeiro, o que seja «suicídio-vingança». Nesta modalidade de autocídio, a pessoa, ao matar-se, como que intenta «vingar-se» do ambiente de que se originou sua resolução desesperada; como que idealiza fique sendo sua morte um contínuo reproche ao exterior, e que sua recordação perdure, para sempre, como uma recriminação constante, fazendo sofrer aos que ficaram. Este desejo de vingança contra o meio seria o mais poderoso fator na psicologia desta forma de autoquíria. Originar-se-ia, assim, no subconsciente de suicida, uma situação em que desejaria a morte, não como libertação, mas para amargurar aos «culpados» de seu sacrifício e, principalmente, para fazer-lhes compreender o valor da vida «que tão pouco haviam sabido prezar».

Descrevendo a morte de Ana Karenina, dá-nos Tolstoi sugestivo exemplo de suicídio-vingança: «A morte apresentou-se a seu espírito como o único meio de castigá-lo..... Uma só coisa lhe interessava naquele instante: **castigá-lo!**» E matou-se, para fazê-lo.

No ruidoso caso Theotonio Piza de Lara, recentemente ocorrido na capital paulistana, tivemos a oportunidade de defender a tese de suicídio-vingança, praticado, no caso, por Sônia Sampaio Pereira Mendes — ponto de vista aceito pelo MM. Juiz Dr. Waldemar Cesar da Silveira na brilhante sentença que prolatou (229 páginas manuscritas!) e que terminava por impronunciar Theotonio Piza de Gomes, do Rio, Flaminio Fávero e Almeida Júnior, de São Paulo, e seus pareceres foram realmente magistrais.

Relata autor argentino o interessante caso de uma bailarina espanhola que, se acreditando enganada pelo marido, lhe manda uma carta, anunciando, como vingança, seu próximo fim. Escreveu: «**Tu has hecho de mi vida un perfecto infierno! Me has mentido desde el primer dia. Mi muerte te perseguirá mientras vivas. Yo siempre te estaré apuntando con el dedo, por lo mal que me has hecho! Maldito seas!**» Pouco depois de haver êle recebido a carta, chama-o ao telefone: «**Jack, oíste alguna vez un tiro por teléfono? Escucha...**» — e dispara o tiro, matando-se.

4 — O suicídio-vingança de Getúlio Vargas

No autocídio do presidente Getúlio Vargas poder-se-á, em sã razão, falar em suicídio-vingança? Talvez sim. Esclareçamos, preliminarmente, que de modo algum nos move qualquer **parti pris** na questão; falaremos, pois, imparcialmente.

Assinalam-se muitos pontos de semelhança entre o autocídio de Getúlio Vargas e o de José Manuel Balmaceda, presidente do Chile que, deposto por uma revolução e refugiado numa embaixada, se acreditou num desses momentos **«en que el sacrificio es lo unico que queda al honor del caballero** (carta a seus irmãos). Iguais, ou quase iguais, as circunstâncias desencadeadoras do gesto extremo; igual, a arma; parecidas até, em muita coisa, as cartas de despedida. Comparem-se, por exemplo, as frases — **«solo puedo ofrecerles el sacrificio de mi persona**», de Balmaceda, e **«ofereço em holocausto, a minha vida**», de Vargas, e verificar-se-á a razão da assertiva.

Deixando de parte a famosa missiva deste último, na qual se sente o documento antecipadamente escrito, retocado, burilado mesmo, preparado na previsão de outros acontecimentos que, afinal, não se realizaram, e fixando-nos apenas numa rápida apreciação de curto e expressivo bilhete de despedida, redigido em plena tormenta psicológica, quando a idéia suicida, tirânica, impiedosa e avassaladora, lhe passara a dominar o espírito, e a polarizar toda sua atividade mental — focalizemos, neste bilhete, por assaz ilustrativa, a primeira frase: **«A sanha dos meus inimigos, deixo o legado de minha morte!»** — bem típica das cartas dos que realizam o suicídio-vingança. Pouco lhe falta, como na carta da bailarina suicida, o dedo que ameaça do além-túmulo: **«Minha morte persegui-los-á enquanto viverem. Estarei sempre a apontá-los, pelo mal que me fizeram!»**

É uma opinião, está claro. Com a qual poderá concordar, ou não, quem nos lê. No que não vai mal maior, pois entre gente educada duas criaturas podem, perfeitamente, discordar uma da outra sem que, por isso, se venham a desconsiderar...